



## Escolas de Samba Mirins: Organizações com Problemas de “Gente Grande”<sup>1</sup>

Ana Valéria Silva GONÇALVES<sup>2</sup>

Jorge Castro de SOUZA<sup>3</sup>

Mirian Martins da Motta MAGALHÃES<sup>4</sup>

Centro Universitário Augusto Motta, Rio de Janeiro, RJ

### Resumo

O presente estudo tem como objetivo analisar a comunicação face a face que ocorre nas interações entre os diferentes atores que compõem as agremiações carnavalescas mirins. Estas organizações, desde sua fundação, têm como meta o resgate da autoestima de crianças e adolescentes de zonas carentes através de uma manifestação cultural bastante apreciada por elas – o carnaval. O desfile mirim é o ápice de uma dedicação que compreende disciplina, orientação e formação educacional, além da valorização de atributos individuais e coletivos, como a aptidão para as artes e o orgulho de suas origens. Para dar conta do objetivo da pesquisa, o quadro teórico-metodológico definido busca ampliar o escopo das observações através de uma reconceitualização do termo desempenho, verificado e avaliado nos debates que serão apreciados.

**Palavras-chave:** comunicação; desempenho; cidadania; carnaval.

### 1. Introdução

O carnaval, junto com o *Reveillon*, é responsável por 13% do PIB da cidade do Rio de Janeiro, provenientes da renda gerada pelo fluxo de turistas que essas duas grandes festas mobilizam. Ainda, sozinho, o carnaval carioca gera 500 mil postos de trabalho, formais e informais, diretamente ligados aos desfiles das agremiações carnavalescas ou não, representando para muitos indivíduos a principal fonte de renda.

Nos institutos humanistas das universidades, em especial na antropologia e na sociologia, além da área das artes e da engenharia de produção, o carnaval é um assunto muito mais presente nos trabalhos científicos. Este fato se deve, em muito, pela sua relevante contribuição cultural e econômica para a cidade, entretanto, na comunicação, os trabalhos que envolvem essa expressão e suas formas não costumam ser muito explorados.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação, 7º período de Jornalismo da UNISUAM, email: [anavaleria81@hotmail.com](mailto:anavaleria81@hotmail.com)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação, 6º período de Jornalismo da UNISUAM, email: [jcastrorio@hotmail.com](mailto:jcastrorio@hotmail.com)

<sup>4</sup> Orientador do trabalho. Professora do curso de Jornalismo da UNISUAM, email: [mirianmmm@yahoo.com.br](mailto:mirianmmm@yahoo.com.br)



Especialmente referindo-se à comunicação sócio-organizacional, as escolas de samba são excelentes campos de observação de problemas relativos ao convívio de diferentes atores, contudo os pesquisadores da área costumam escolher para suas análises as organizações formais, aquelas provenientes do trabalho ordinário.

Nas agremiações carnavalescas, a principal rede por onde trafegam as informações necessárias para a execução do projeto do desfile é estabelecida através da relação face a face. Essa forma aparentemente singular de transmissão constitui o principal canal de comunicação em uma escola de samba.

A diversidade sócio-econômico-cultural dos agentes que conduzem um projeto de desfile é relevante e salta aos olhos em algumas situações, o que tem gerado problemas sérios de entendimento e percepção, atributos necessários para o alinhamento das decisões.

As agremiações mirins são, em sua maioria, procedentes das chamadas “escolas-mães” e seu principal objetivo é incentivar atividades sócio-culturais e formação profissionalizante para crianças e jovens das comunidades onde as escolas de samba tradicionais estão situadas. Os projetos que incluem, além de oficinas voltadas para o aprendizado do carnaval, assistência médica, pedagógica, atividades esportivas, vêm ajudando e estimulando as crianças a terem orgulho de suas raízes, além de proporcionar lazer voltado para a cultura e consciência crítica.

Embora existam pontos de confluência entre as escolas (mirins e mães), há também propósitos diferentes, todavia, os problemas vivenciados pelas grandes escolas também, em muitos momentos, afligem as agremiações mirins, em especial os causados por ruídos na comunicação entre os dirigentes e os atores principais, neste caso, crianças e adolescentes.

É este ponto que o artigo irá discutir, buscando compreender a natureza das relações e a origem dos problemas, visando através da reflexão apontar possíveis caminhos para a resolução deste impasse. Esse esforço ampara-se na compreensão do problema da “má comunicação” não ser comum somente nos modelos carnavalescos, mas também encontrado nas diferentes organizações produtivas, uma vez que o trabalho origina-se de agrupamentos sociais, os quais, quase sempre, costumam ser compostos por atores de origens distintas.

A discussão proposta é decorrente de um projeto de Iniciação Científica, denominado Estudo das Agremiações Carnavalescas Mirins do Rio de Janeiro na Perspectiva do Desempenho e da Comunicação, aprovado em 2010 pelo Programa de PIBIC do Centro



Universitário Augusto Motta (UNISUAM). O projeto conta com dois alunos-pesquisadores, além de uma professora idealizadora e coordenadora do estudo.

Esse relato apresenta-se organizado em seis tópicos, sendo o primeiro esta introdução. No segundo será delineado, de forma sintética, o quadro teórico-metodológico que será utilizado como referência. O terceiro faz um rápido histórico sobre as agremiações carnavalescas mirins, ressaltando os pontos mais importantes. O item quatro aborda o problema da comunicação nas escolas de samba e suas variáveis, uma vez que ele não se encontra sempre na mesma forma, e no quinto item possíveis caminhos na busca das soluções serão debatidos. Por fim, no último tópico, a questão da aprendizagem será ressaltada por acreditar ser essa a maior contribuição da pesquisa, além de breve resumo das principais reflexões feitas.

## **2. Quadro teórico-metodológico**

A busca por uma teoria da comunicação esbarra na velha separação entre “as redes físicas e imateriais, entre o biológico e o social, a natureza e a cultura, os dispositivos técnicos e o discurso, (...), o local e o global, o ator e o sistema, o indivíduo e a sociedade (...)” que historicamente se deu no interior das diferentes áreas do conhecimento. (MATTELART, 2005: 10) Apesar das dificuldades, a comunicação tem lutado pelo *status* de ciência e por um lugar de destaque nas análises multidisciplinares. Embora ela possua todos os contrastes que envolvem as demais ciências, a teoria da comunicação tem marcado presença no mundo acadêmico, em especial pela grande contribuição que a Análise de Discurso vem dando às questões que envolvem diretamente a observação lingüística. Particularmente o olhar etnográfico desenvolvido nos anos 80 tem proporcionado avanços no entendimento das questões sociais.

Além da contribuição da etnografia, a visão circular do fluxo de informações em detrimento da visão linear, proposta pela Escola de Palo Alto nos anos 40, já sustentava que a comunicação é um fenômeno muito complexo para ser reduzida a um número pequeno e finito de variáveis. Segundo seus defensores:

À noção de comunicação isolada como ato verbal consciente e voluntário, que subjaz à teoria funcionalista, opõe-se à ideia da comunicação como processo social permanente que integra múltiplos modos de comportamento: a fala, o gesto, o olhar, o espaço interindividual. (MATTELART, 2005: 70)

Nessa linha de pensamento o contexto se sobrepõe ao conteúdo e ressalta as dificuldades culturais, além de destacar as múltiplas linguagens e códigos que há em



qualquer processo comunicativo. Os estudiosos pertencentes à Escola de Palo Alto afirmavam existir “linguagens silenciosas” próprias de cada cultura, além de lembrar sua responsabilidade nos “choques culturais”. Ainda segundo Mattelart:

Todas essas linguagens informais encontram-se na origem dos ‘choques culturais’, das incompreensões e mal-entendidos entre as pessoas que não compartilham os mesmos códigos e não atribuem, por exemplo, às regras de organização do espaço e da administração do tempo a mesma significação simbólica (2005: 71).

A corrente francesa da Análise de Discurso defende que os discursos são decorrentes de práticas sociais apoiadas em contextos histórico-sociais bem definidos. (PINTO, 2002) Isso equivale a dizer que as mediações ocorrem em “cenas” conhecidas, porém nem sempre compreendidas. Os embates são repetidos, rerepresentados, no entanto, nem sempre assimilados, e quando são, há sempre novas interferências que originam novos embates. As relações sociais que o modelo carnavalesco proporciona costumam se repetir ano após ano, porém os atores participantes não, além das questões nem sempre serem as mesmas.

Segundo Pinto (2002: 51) “nem todas as situações de comunicação são tão ritualizadas (...) ou gozam de estabilidade”, muito pelo contrário, em muitas ocasiões as mudanças ocorrem a toda hora, desde a entonação da voz que se altera até o vocabulário usado que não é identificável, gerando desconfiança e desconforto nos atores. Nas agremiações carnavalescas, problemas assim são constantes, pois os grupos sociais que são obrigados a interagir costumam possuir bases culturais muito distintas. Além disso, há o fato da *performance* carnavalesca exigir níveis de linguagem bastante diferentes e complexos, sendo improvável algum agente envolvido dominar todos com desenvoltura.

Embora o domínio total seja difícil, há momentos que o reconhecimento da autoridade é fundamental, senão o ator designado a comandar alguma tarefa, por exemplo, não obterá o resultado desejado, uma vez que seu discurso não será legitimado. Wander Emediato, em artigo destinado a discutir a validação das práticas discursivas, ressalta que “o discurso, nessa perspectiva, é o resultado da busca de acordos sociais que estabilizem as interações, inscrevendo-as em espaços de conformidade e poder”. Isto significa dizer que os atores devem estar sempre atentos e pré-dispostos à negociação, senão os embates serão freqüentes, refletindo no desempenho das ações prescritas. (EMEDIATO *et al*, 2008: 88)



Há uma proposta dentro da Teoria Organizacional que diz que a comunicação é o elo entre os diferentes interlocutores, e que ela pode ser extremamente agregadora ou desarticuladora de toda a cadeia produtiva.

O princípio básico que norteia essa proposta está alicerçado no trabalho de Philip Zarifian, sociólogo francês, cujo estudo está focado na noção de *intercompreensão da comunicação*. Este conceito refere-se à linguagem como centro dos processos de comunicação, principalmente no mundo do trabalho, onde as falas profissionais são construções sociais da organização. (ZARIFIAN, 1991)

Para Zarifian, a comunicação é compreendida em três dimensões: cognitiva, normativa e expressiva. Durante o desenrolar das ações quando um aspecto desagregador é percebido, cognitivamente o responsável toma uma decisão voltada para eliminá-lo. No entanto, o que o faz escolher aquela decisão é a lógica subjacente ao processo, à prescrição de que aquele movimento favorecerá o desempenho almejado (normativa). E mais, sua decisão também deverá estar amparada no seu envolvimento com aquela organização, que transcende as barreiras profissionais (expressiva). Por isso conhecer a cultura organizacional é fundamental: o que funciona para uns não funciona para outros. (SALERNO, 1999)

Conforme a proposta já citada, os alicerces organizacionais estão na boa comunicação, pois se ela falha derruba todo o processo. Ainda dentro dessa concepção teórica, em organizações sociais que resguardem configurações únicas (fora do contexto clássico do trabalho produtivo), como é o caso das agremiações carnavalescas, inclusive as mirins, esse olhar é bem vindo, mais que isso, bastante adaptável. Segundo Mário Salerno, que dedicou um livro para esse modelo organizacional (nomeado por ele como “organizações flexíveis”):

A gestão de organizações flexíveis no contexto do trabalho ordinário pressupõe a inovação do produto ou do processo, que responde pela competitividade. Estas organizações têm como características, além da inovação, trabalho organizado em grupos semi-autônomos, coordenação horizontal e novos papéis extrapolando os de referência (SALERNO, 1999: 72).

Esse autor, no desenrolar de suas explicações acerca das organizações flexíveis, enaltece a comunicação como o elemento maior e primordial a ser trabalhado, uma vez que os níveis hierárquicos comuns no trabalho ordinário não existem ou estão alinhados diferentemente das estruturas organizacionais já reconhecidas. Sendo assim, a comunicação, compreendida nas três dimensões apresentadas, significa a base, a



semente de todo processo produtivo. Poderá germinar e fazer vingar o projeto ou não, de acordo com a forma trabalhada.

A metodologia usada para essa pesquisa toma como garantia conceitos interpretativistas de base fenomenológica, como os difundidos pela Etnometodologia e o Interacionismo Simbólico. A Etnometodologia, que tem como precursor Harold Garfinkel, analisa as atividades desempenhadas pelos atores através do raciocínio prático que eles demonstram durante as ações. Esse esforço foi realizado com o intuito de manter o mais próximo possível a análise do campo onde ela ocorria, ou seja, ao se deslocar os discursos sem visualizar sua área de ocorrência, provavelmente perder-se-ia muito em significados (COLON, 1995).

Sendo assim, o mote dessa pesquisa são as escolas de samba mirins do Rio de Janeiro, organizações que têm como origem as grandes agremiações carnavalescas além de compartilharem modelos organizacionais análogos. Não obstante, apesar das afinidades, as agremiações mirins lidam com outras proposições, como a educação e o resgate da cidadania de crianças e adolescentes.

### **3. Breve histórico das escolas de samba mirins**

A primeira escola de samba mirim foi a Império do Futuro, fundada em 1983, por Arandir Cardoso dos Santos, o Careca. Sua intenção era ocupar a garotada do Morro da Serrinha, localizado em Madureira, subúrbio do Rio de Janeiro, com atividades durante o ano todo, incentivando a autoestima e a valorização do carnaval como expressão cultural. Já no ano seguinte, 1984, o projeto de Careca foi reconhecido pelos pares e incluído na programação da inauguração da Passarela do Samba.

Nos anos seguintes a ideia de Careca se expandiu e várias escolas de samba resolveram criar suas agremiações infantis, dando seguimento ao objetivo maior – valorização da cultura – mas também servindo como celeiro de trabalhadores do carnaval. Atualmente este tem sido um tema de debate, pois nem todos concordam que as escolas mirins sejam vistas e gerenciadas como oficinas ligadas à indústria do carnaval.

As escolas são identificadas oficialmente como Grêmios Recreativos Culturais Escola de Samba Mirim e possuem os mesmos segmentos das agremiações que compõem os desfiles oficiais, como presidente, comissão de carnaval, diretoria, além de enredo, comissão de frente, mestre-sala e porta-bandeira, entre outros, porém sempre visando



resguardar as crianças e jovens da competição que ocorre nas escolas adultas, e mais, buscando semear o projeto inicial de Arandir Cardoso dos Santos.

Entretanto, para permanecer existindo e fortalecer a proposta de valorização da cultura popular e resgate da autoestima, as diretorias tiveram que ceder, e desde 2002 o desfile passa por uma espécie de avaliação. Ela não obedece às mesmas regras de julgamento que as grandes escolas são submetidas, porém foi inserida visando não deixar o projeto de Careca esmorecer, mas ao mesmo tempo protegendo-o de interferências diretas dos profissionais do carnaval.

Para tanto, em 26 de junho de 2002 foi fundada a Associação das Escolas Mirins do Rio de Janeiro (AESMRIO) pelo professor Sérgio Murilo Pereira Gomes, com o propósito de organizar e zelar para que os projetos das agremiações mirins estimulassem a educação social, além de visar o reforço da educação formal. Atualmente 17 agremiações fazem parte da associação e são elas: Ainda Existem Crianças na Vila Kennedy, Aprendizes do Salgueiro, Corações Unidos do CIEP, Estrelinha da Mocidade, Filhos da Águia, Golfinhos da Guanabara, Herdeiros da Vila, Império do Futuro, Infantes do Lins, Inocentes da Caprichosos, Mangueira do Amanhã, Mel do Futuro, Miúda da Cabuçu, Nova Geração do Estácio, Petizes da Penha, Pimpolhos da Grande Rio, Tijuquinha do Borel.

#### **4. Os problemas de comunicação**

A origem da proposta do projeto de Iniciação Científica é decorrente de observação realizada para elaboração de dissertação de mestrado, apresentada em 2006 ao Programa de Tecnologia do CEFET/RJ. Na época, o campo de análise eram as agremiações carnavalescas que compõem o Grupo Especial do Rio de Janeiro. Vários eventos denominados de *ensaio técnico*, objeto de estudo na ocasião, foram assistidos entre os anos de 2004 e 2005, em diferentes agremiações, de onde as primeiras anotações sobre os “diálogos” foram recolhidas.

Na elaboração da pesquisa precursora a substância discursiva extraída dos ensaios técnicos foi acessória, embora as reflexões apresentadas na dissertação tenham sido auxiliadas e influenciadas pelas práticas discursivas observadas.

Para ilustrar como esse exercício se deu e como ele era elucidativo na compreensão da cultura organizacional, ponto de grande relevância para o estudo proposto na dissertação, um ex-diretor de harmonia lembrou, durante uma conversa informal, que o



pior numa escola é falar as diferentes línguas, é a articulação entre os diversos grupos sociais durante a confecção do carnaval. Segundo ele, “há reserva de mercado, há preconceito, há divergências sociais, há problemas sérios de comunicação”. Em outra ocasião, um adrecista confessou que o mais difícil em seu trabalho era interpretar o enredo proposto pelo carnavalesco, realizá-lo na forma de fantasias, adereços e tudo mais que compõe o carnaval.

No livro da antropóloga Maria Laura Cavalcanti, *Carnaval: dos Bastidores ao Desfile*, há vários momentos dedicados a essa questão. Logo no início da publicação, Renato Lage e sua ex-mulher, Lílian Rabelo, falam da dificuldade de negociar “o contrato do carnavalesco”. Lílian relata que era comum os dirigentes (em especial, os “patronos”) “jogarem duro”, não cederem e os carnavalescos se submeterem aos valores oferecidos. No entanto, durante o ano carnavalesco, esses mesmos dirigentes “premiavam” os carnavalescos, fazendo com que ao término do contrato eles recebessem valores superiores aos pedidos. Segundo Lílian, era uma forma de deixar claro quem mandava, e mais, a quem pertencia a escola. (CAVALCANTI, 1995: 64)

No mesmo livro, há relatos também dos compositores sobre a dificuldade de compreender o enredo, embora os carnavalescos junto com a direção da escola organizem um evento só para isso: descrever e apresentar o enredo para a ala dos compositores. Há uma fala no livro que lembra esse difícil momento:

Não há sinopse que eu não goste, eu gosto de todas elas, o que não gosto é da posição do artista (carnavalesco). Olha, *taí (sic)* o enredo, eu quero que fale isso e aquilo. (...) A sinopse é dos carnavalescos e nós (compositores) fazemos a nossa pesquisa dentro da sinopse deles. Cada um lê de sua maneira e aí vai lá e conversa pra saber se um lance é válido ou não. (CAVALCANTI, 1995: 104)

Ainda no livro da antropóloga, escrito a partir de pesquisa realizada para seu doutorado, os problemas oriundos da dificuldade de comunicação perpassam toda a narrativa. Em dado momento ela começa um parágrafo da seguinte forma: “A existência de ruídos na comunicação e o confronto entre visões de mundo diferenciadas se evidenciam”. (CAVALCANTI, 1995: 107)

Essas histórias podem parecer ultrapassadas em um primeiro momento, pois encontram-se em uma publicação de 1995, entretanto durante as observações e conversas com dirigentes e componentes das escolas a dificuldade de comunicação entre os atores foi recorrentemente citado.

Nas agremiações mirins, além dos problemas comuns aos das escolas-mães, como os exemplificados acima, há um fator conciliador e, ao mesmo tempo, complicador: os



responsáveis legais pelas crianças e jovens. Se, quando não há intercessores, ou seja, se quando a comunicação é realizada face a face os problemas brotam, às vezes, sem controle ou percepção dos atores, quando há obrigatoriamente a presença de intermediários, as dificuldades crescem.

Os responsáveis podem ser extremamente compreensivos e agregadores, auxiliando e facilitando o trabalho de dirigentes. Contudo, também podem se colocar como obstáculos a serem vencidos e, algumas vezes, muito difíceis de serem transpostos.

Os valores do grupo que compõe essas instituições são compostos por diferentes elementos, sendo que alguns dirigentes devem possuir sensibilidade suficiente para reconhecê-los e desenvolver seu trabalho de acordo com os mesmos. É por isso que, quando um dirigente vem da agremiação-mãe para a mirim ele precisa de um tempo para compreender a nova dinâmica e esclarecer à jovem comunidade qual é sua metodologia de trabalho.

Isso não é feito através de palestras ou cursos, mas sim nas interações, no dia a dia, durante o ano, juntamente à progressão do trabalho, tanto no desenvolvimento das ações que contemplam os projetos educacionais, quanto àquelas voltadas para a organização do desfile carnavalesco.

O aprendizado de dirigentes, responsáveis e crianças é verificado, na maioria das escolas, através de uma evolução nas relações, no entanto, às vezes, um gesto ou uma palavra inadequada cria barreiras neste entrosamento, dificultando o entendimento e prejudicando, ou mesmo impedindo, o desenvolvimento dos projetos. (GOFFMAN, *apud* MAGALHÃES, 2006)

## **5. O problema e seu entendimento**

O principal ponto a ser ponderado são as diferentes linguagens utilizadas nos debates. O produto final das agremiações-mães é um evento cultural, é o desfile oficial, e como em qualquer produção na área da cultura, a resultante está repleta de significados de diferentes ordens.

Entretanto, nas escolas mirins, além da resultante estética há a necessidade de outras que atendam também à educação e ao resgate da cidadania de crianças e adolescentes. Só aí estamos falando de duas naturezas distintas de debates: um que dê conta do funcionamento das atividades voltadas para a educação, e outro que seja focado na organização do desfile carnavalesco. É bom lembrar que nem sempre essas duas



vertentes andam tão juntas como possa parecer, em princípio, nas escolas mirins. (DUFRENNE, 2004)

Para que isso ocorra, é necessário articular diferentes níveis e concepções de linguagem. No projeto de desfile está previsto o arranjo de formas diversas, o que implica em uma complexidade que não pode ser menosprezada. Por exemplo, as dificuldades sócio-culturais (os diferentes grupos sociais que se cruzam na concepção de um projeto de desfile); as diferentes expressões estéticas (a sinopse do enredo – próxima à expressão/linguagem acadêmica; a feitura de um samba-enredo – próxima à expressão poética; a transformação da história em fantasias e cenografia – próxima à expressão teatral; etc.), todas, no entanto, são complementares de uma expressão maior que é a *performance* carnavalesca. (GOFFMAN, 2002)

Para dar conta de um desempenho favorável em relação aos diferentes projetos, as escolas mirins, em especial seus dirigentes, devem estar atentos a pequenos, na maioria das vezes quase imperceptíveis sinais de que o processo de comunicação apresenta problemas.

Lidar com pessoas, e mais, com pessoas de mundos, faixa etárias, valores e propósitos diferentes, só pode ampliar um problema observado em qualquer agrupamento social. Na conceituação proposta por Mario Salerno para as organizações flexíveis a comunicação é apontada como uma “alternativa à coordenação hierárquica clássica”, uma vez que no modelo funcionalista ela é negligenciada em relação à operacionalidade da produção. Ou seja, se há respostas produtivas satisfatórias, não há necessidade de intercomunicação, as decisões são repassadas sem questionamentos ou avaliações. (SALERNO, 1999: 21) Nas organizações flexíveis, ela será o meio para o desenvolvimento do princípio de cooperação, onde a hierarquia é substituída pela compreensão entre os atores como forma de obtenção de desempenho coletivo e sócio-organizacional.

Como já foi ressaltado no quadro teórico-metodológico, Salerno define três dimensões da comunicação no trabalho ordinário: cognitiva, normativa e expressiva.

Como cognitiva o autor determina “a legitimação do saber e da competência do outro frente à determinada situação”, envolvendo tomada de decisão correta frente aos eventos que se apresentam (*Ibid*: 73).

A dimensão normativa é referente ao “que cada envolvido considera ser o mais relevante do ponto de vista da lógica da eficiência”, sendo as questões estratégicas de desempenho as norteadoras das relações e da comunicação entre os atores (*Ibid*: 73).



E por fim, a dimensão expressiva da comunicação significa assumir “responsabilidade frente ao resultado de sua atuação, atuação que é avaliada em termos de contribuição ao desempenho (...) da empresa”. (*Ibid*: 76) É a tomada de decisão alicerçada em conhecimento científico, mas também decorrente da intuição humana. Esta dimensão se refere também ao nível de envolvimento que os atores possuem com a organização, pois caso ele seja baixo, provavelmente não haverá motivação para que ela se realize.

Estas conceituações se aplicam ao trabalho desenvolvido nas escolas de samba mirins. A cognitiva apresenta-se através do reconhecimento dos pares da legitimidade da proposição, da legalidade da solicitação; a normativa é expressa por meio das regras colocadas de maneira simples e objetiva para crianças e responsáveis; e a expressiva está representada pelo comprometimento, pelo empenho em realizar um trabalho digno das expectativas de seus idealizadores e dos afetados.

## **6. Considerações finais**

Modelos sócio-organizacionais compostos por elementos e atores tão diferentes são desafiadores não só para quem os pesquisa, mas também para aqueles que o gerenciam e atuam, pois estes dois últimos possuem, no caso das agremiações citadas, mirins e mães, objetivo relativamente comum – o sucesso – clímax bastante complexo e diferente quando lembramos que as variáveis que compõem esse universo originam-se de raízes diferentes.

Nas escolas que compõem o Grupo Especial, o clímax é a vitória, o troféu de campeã do carnaval. Nas mirins, sucesso significa não só um desfile vitorioso, mas também representa conquistas relativas ao resgate de valores fundamentais para o sucesso na vida.

Para dar conta de diálogos que advêm de um emaranhado de emoções só com muita compreensão, muita pré-disposição para chegar a um lugar de mediação. E para que isso ocorra, só com conhecimento gerado pela integração dos atores envolvidos nesta constante negociação. Esse é o objetivo maior da pesquisa proposta: facilitar a integração mediante a adequação dos discursos praticados.

Este trabalho tem como mote a reflexão até porque se estamos falando de algo que deve ser constantemente observado e ajustado não há modelos a propor. O principal alvo neste momento é chamar atenção para o tema e alertar que cada vez mais a comunicação terá que lidar com modelos sócio-organizacionais nada convencionais, o



que provavelmente irá exigir da área no mínimo olhares singulares e novas estratégias para envolver os atores. O que ocorre nas escolas de samba não é privilégio delas.

Como já foi descrito, a investigação da pesquisa está voltada para as agremiações mirins, porém ainda está no início. Nesse primeiro momento um levantamento acerca das escolas que compõem a AESMRIO tem sido a principal tarefa dos alunos-pesquisadores. Essa base torna-se relevante para compreender as propostas das escolas, uma vez que não são idênticas, e poder agrupá-las segundo atributos comuns, a fim de classificar as observações conforme os projetos referendados. Após esse mapeamento, a proposta teórica da pesquisa será aplicada, de preferência no *locus* das práticas discursivas, buscando identificar um extrato, baseado na classificação realizada, que possa servir de coluna, de fundamento para verificação, análise e proposição de ajustes nos diálogos exercitados.

O universo pesquisado não é de todo desconhecido dos alunos-pesquisadores. Ambos conhecem a dinâmica da organização de um carnaval, e mais, especialmente um trabalha com uma escola mirim, ajudando nos cuidados com as crianças no dia do desfile oficial. Esse convívio inicialmente pareceu inoportuno, pois impossibilitaria ou dificultaria o distanciamento crítico adequado a uma pesquisa acadêmica. Entretanto, o prévio conhecimento de algumas questões acabou sendo muito elucidativo na concepção do projeto e nos caminhos a serem tomados. Em relação ao outro participante do grupo, seu conhecimento acerca do evento analisado mostra-se apenas referente às organizações-mães, o que também acabou sendo bem-vindo, uma vez que como foi ressaltado ao longo do artigo alguns problemas são comuns as duas expressões carnavalescas.

O que é importante frisar é que o projeto conta com pesquisadores que já conhecem esse universo, em especial o trabalho que compreende a organização de um desfile carnavalesco. Contudo, embora esse conhecimento tenha sido fundamental para o reconhecimento de pontos de conflito (ponto determinante para a obtenção do objetivo proposto), ele também aponta para a complexidade que há nessas organizações, fato que auxilia e instiga os participantes a conhecerem mais, ou melhor, a reconhecerem que sabem pouco sobre das agremiações carnavalescas.

Resumindo, todos, alunos e orientador, conhecem o ambiente pesquisado e, por isso não o menosprezam, principalmente como modelo de organização social que propicie apreciação e verificação de características marcantes dos modelos flexíveis, ponto chave da proposta teórica que sustenta a pesquisa. As organizações flexíveis serão, sem



dúvida, cada vez mais vistas, principalmente em tempos de multiplicidades sócio-culturais, de identidades complexas, como as propostas pela pós-modernidade. Neste quesito as escolas de samba estão na vanguarda, comparando-as aos modelos organizacionais formais.

As potencialidades presentes nas agremiações mirins estão focadas nas demandas sociais, na cultura, na mobilização política, na educação, além da preocupação com a valorização da criança e do adolescente. Proposta tão audaciosa sem dúvida resultará em muitos ruídos na comunicação, problema somente mediado através da troca de experiências e muito trabalho voltado para os ajustes nos discursos praticados.

### **Referências bibliográficas**

- CAVALCANTI, M. L. **Carnaval: dos Bastidores ao Desfile**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/MinC/Funarte, 1995.
- COULON, A. **Etnometodologia e Educação**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1995
- DUFRENNE, M. **Estética e Filosofia**. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- EMEDIATO, W. *et al.* **Análises do Discurso Hoje**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2008.
- GOFFMAN, E. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. 10 ed., Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- MAGALHÃES, M. M. M. **A Gestão do Desempenho nos Ensaios Técnicos das Escolas de Samba do Grupo Especial do Rio de Janeiro**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Tecnologia do CEFET/RJ, 2006.
- MARTTELART, A. & M. **História das Teorias da Comunicação**. 8 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- PINTO, M. J. **Comunicação e Discurso**. 2 ed. São Paulo: Hacher Editores, 2002.
- SALERNO, M. S. **Projeto de Organizações Integradas e Flexíveis**. São Paulo: Atlas, 1999.
- ZARIFIAN, P. **Trabalho e comunicação nas indústrias automatizadas**. In Tempo Social. Revista de Sociologia da USP. V. 3, ns. 1-2, 1991, p.119-130.